O COOPERATIVISMO CONTRIBUI EM SITUAÇÕES DE CRISE

RUI SAMARCOS LORA*

A história mostra que, em situações de crise como a atual – desta vez, provocada pela pandemia do novo coronavírus –, nas quais há sérios impactos de ordem econômica e social, o modelo de organização cooperativa surge como uma ferramenta útil para contribuir para a resolução dos diversos desafios que se projetam.

COM O corrente cenário pandêmico anunciado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março último, em que, até o presente momento, foram reportados mais de 200 mil casos da doença COVID-19, afetando 155 países e totalizando 8 mil mortes, o mundo deverá passar por um rearranjo econômico-social mínimo de modo a reparar e minimizar os problemas causados por tal catástrofe. Dados o contexto e a conjuntura da crise, percebe-se que, ao longo dos anos, arranjos organizacionais cooperativos surgem como alternativa em situações semelhantes. Tem sido assim desde a Revolução Industrial, quando a proposta cooperativista ganhou forma e estrutura na Inglaterra (1844), durante a crise trabalhista da época, e, até mesmo, em outras circunstâncias, como no processo de globalização das últimas décadas, resultado da transnacionalização da produção de bens e serviços e dos mercados financeiros.

As cooperativas têm acompanhado esse complexo cenário internacional de crises e têm assumido, cada vez mais, um papel econômico e político relevante, como se crise e cooperativismo andassem juntos, compondo, por isso, um "binômio", na conceituação literal da palavra. Ao lado do surgimento de uma sociedade civil mundial independente, as cooperativas têm se organizado transnacionalmente na defesa de interesses percebidos como comuns e usam em seu benefício as



SHUTTERSTOCK

possibilidades de interação internacional criadas pela governança global.

Assim, diante da crise do coronavírus, é inevitável não começar a pensar e discutir possíveis soluções práticas e rápidas que possam, objetivamente, minimizar, em termos econômicos, os efeitos negativos e incluir, em termos políticos, os mais afetados e os marginalizados pelo efeito. À medida que a crise pandêmica avança, as perspectivas econômicas e políticas globais passam a ter novos desafios, exigindo que tais arranjos possam recuperar o fôlego e dar estímulo aos diversos setores e cadeias econômicas envolvidos, principalmente os relacionados ao abastecimento da população. Se levarmos em conta o cenário e o binômio ora elencado, o cooperativismo passa, mais uma vez, a ser uma ferramenta sustentável e viável a ser pensada para contribuir para a resolução dos diversos desafios que se projetam.

Ao analisar cenários de crise semelhantes, percebe-se que, já no século XX, o processo de globalização da economia contribuiu para o desenvolvimento econômico em muitos aspectos, mas, ao mesmo tempo, aprofundou a exclusão social e a concentração das riquezas em outros, de tal modo que os sistemas democráticos e, até mesmo, a paz continuaram a passar por incertezas. Como mencionado, as cooperativas têm assumido um papel econômico e político relevante, pois a essência cooperativa – multicultural e cosmopolita – permite que elas transitem entre a competência global e a legitimidade local, o que constitui um aspecto político que lhes habilita serem independentes de interesses quer sejam dos Estados ou do mercado. Assim, é nesse ponto que reside o aspecto cooperativo necessário de inovação democrática, pois, estando as cooperativas desvinculadas do globalismo localizado e encaixadas em um projeto de cosmopolitismo multicultural – como é o caso de algumas cooperativas multiétnicas do pós-guerra de Ruanda, da Bósnia e, até mesmo, de Israel –, podem constituir um contributo para a superação de crises.



Uma possível explicação para essa capacidade está no fato de as cooperativas terem se transformado em espaços que permitem refletir sobre as incompletudes de determinados grupos (membros da cooperativa), assim como a relação entre cooperativas, por meio do diálogo e da troca de experiências entre um cooperado e outro, muito em razão dos princípios cooperativos.

Por essa razão, por permitir que sejam reconhecidas essas incompletudes mútuas, é que o cooperativismo é capaz de criar espaço para o diálogo, contribuindo para o cosmopolitismo inerente ao movimento, de baixo para cima, e se estabelecendo como um arranjo democrático na crise, em que estruturas mínimas são necessárias para superar os desafios interpostos pela atual conjuntura. Assim, muito além das necessidades econômicas, é preciso pensar na estabilidade democrática que possa assegurar a estrutura mínima capaz de retomar a manutenção das atividades laborais, econômicas e financeiras em suas mais diversas áreas e setores. Para tanto, em tempos em que os princípios de solidariedade cada vez mais se tornam necessários, o cooperativismo, por ter sido constituído como uma alternativa solidária e social baseada em princípios democráticos, ao mesmo tempo em que concilia aspectos econômicos e sociais na sua estrutura institucional, pode superar o efeito econômico negativo da crise para se tornar, de fato, uma resposta em diferentes formas e modelos.

Mais do que isso, as cooperativas têm demonstrado contribuir para articular os aspetos econômicos da sociedade de outra forma e para outras esferas da sociedade, o que se coaduna com a visão de que não é necessário uma revolução radical ou uma proposta utópica para que a sociedade passe a ser mais igualitária e democrática, ainda que a relação entre economia e democracia seja repensada por outro viés.

Por isso, o binômio crise-cooperativa pode continuar atual e contribuir para minimizar os impactos dos efeitos causados pela pandemia do novo coronavírus caso possa continuar a conciliar aspectos econômicos, sociais e políticos que procuram perpassar a lógica econômica. A ideia é que esse binômio se apresente como proposta que insira as diversas camadas da sociedade em iniciativas de trabalho e, até mesmo, na participação de uma vida mais democrática, em que os resultados alcançados possam surtir efeito direto na vida dos membros e no bem-estar dos cidadãos. Tais efeitos, por sua vez, refletir-se-ão na sociedade como um todo, o que é tão necessário para as incertezas desta época. ■

*Especialista em Ciências Políticas pela Universidade de Brasília (UnB), bacharel em Relações Internacionais e ex-assessor internacional do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)